

## A SEXUALIDADE DA MULHER LÉSBICA COM DEFICIÊNCIA: NAS ENTRELINHAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUAS VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS. UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Aynoan Raquel da Silva Brito<sup>1</sup>  
Alberes Vinícios Cavalcanti de Moura<sup>2</sup>  
Bruno João dos Santos Bernardino<sup>3</sup>  
Rebecca de Albuquerque Castro<sup>4</sup>  
Ernani Nunes Ribeiro<sup>5</sup>

### RESUMO

A disseminação de informações adequadas para a sociedade pode ser dificultada pela existência de mitos e tabus em torno da sexualidade. Entende-se que indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), devido à sua forma diferente de processar informações em comparação com aqueles sem o transtorno, enfrentam desafios no acesso a informações sobre essa temática. Este estudo explora a intersecção da sexualidade da mulher lésbica com TEA, e as violências simbólicas enfrentadas em contextos sociais e educacionais. Através de uma revisão sistemática, são apresentadas discussões e contextualizações sobre as várias vertentes presentes neste contexto. O objetivo foi analisar trabalhos que proporcionem o debate mais aprofundado e o levantamento de dados acerca da vivência da sexualidade de mulheres autistas e lésbicas, bem como o contexto em que essas discussões estão sendo, ou não sendo, conduzidas. Foi realizado um levantamento a partir de artigos, dissertações e teses das bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, Periódicos Capes e Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (Atena), entre o período de 2013 a 2023. Foram utilizadas as palavras-chave "sexualidade", "mulher lésbica", "com deficiência" e "autista". Os resultados demonstram um déficit generalizado de informações nesta área, evidenciando o imensurável silenciamento e inviabilização dessas mulheres. Este estudo visa contribuir para uma compreensão mais abrangente e inclusiva nas experiências das mulheres autistas e lésbicas em relação a sua sexualidade, fornecendo insights para futuras discussões e produções acadêmicas.

**Palavras-chave:** Mulher Lésbica, Sexualidade, Autista, Pessoa com Deficiência.

### INTRODUÇÃO

Nos estudos de gênero e sexualidade, a intersecção com outras características pessoais de identidades, como deficiência e neurodivergências, têm sido um campo de investigação em expansão, suscitando um interesse crescente na compreensão das complexidades da experiência

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [aynoan.brito@ufpe.br](mailto:aynoan.brito@ufpe.br);

<sup>2</sup>Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [alberes.vcmoura@ufpe.br](mailto:alberes.vcmoura@ufpe.br);

<sup>3</sup>Mestrando do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [bruno.joaob@ufpe.br](mailto:bruno.joaob@ufpe.br);

<sup>4</sup> Mestranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [rebecca.castro@ufpe.br](mailto:rebecca.castro@ufpe.br);

<sup>5</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória - CAV, [ernani.ribeiro@ufpe.br](mailto:ernani.ribeiro@ufpe.br).

humana. Dentro dessa linha de pensamento, há várias ramificações e variações de perspectivas epistemológicas. Com isso, há o interesse de neste estudo contribuir para o debate sobre a temática “mulher-lésbica-autista”. Portanto, o interesse pelo tema surgiu pelo fato da percepção de que a vivência da mulher-lésbica-autista, é rodeada por desafios e estigmas associados tanto ao seu gênero e orientação sexual, quanto à sua neurodivergência. Assim, oferece uma perspectiva sobre as complexidades da identidade, da expressão sexual e uma discussão sobre os padrões heteronormativos centrados dentro do *habitus* que envolve os campos da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, autores como Pierre Bourdieu (1977) e Judith Butler (1990; 2020), podem contribuir para o desenvolvimento de uma compreensão macro da violência simbólica sofrida por essas mulheres (mesmo tendo ciência de que não há autores que falam exclusivamente sobre o assunto da sexualidade da mulher-lésbica-autista, além do que está sendo publicado por Castro (2024) no V CINTEDI, por meio da comunicação oral). Assim como, alguns outros importantes teóricos, cujas obras fornecem uma base conceitual para a produção deste trabalho, bem como entender essa intersecção complexa.

Esta revisão sistemática indicou que a sexualidade da mulher lésbica com deficiência, dentro do espectro autista, é uma área negligenciada pelas pesquisas. Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho foi analisar pesquisas que proporcionem o debate mais sistemático acerca da vivência da sexualidade de mulheres-lésbicas-autistas, bem como o contexto em que essas discussões estão sendo, ou não sendo, conduzidas.

De maneira a atender o objetivo geral, os objetivos específicos foram: identificar pesquisas que abordem a intersecção entre sexualidade, gênero, deficiência e TEA; investigar as discussões sobre a sexualidade da mulher lésbica com deficiência no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA); e, avaliar criticamente a extensão em que a sexualidade da mulher lésbica autista é discutida na literatura existente. Além disso, procurou-se, por meio de uma análise abrangente da literatura acadêmica, buscar compreender as lacunas de pesquisa, e propor direções para futuras investigações nesse campo.

É de suma importância destacar e abordar lacunas de pesquisa negligenciadas. Ao identificar a ausência de discussões sobre a sexualidade das mulheres lésbicas autistas, esperamos chamar a atenção para essa área ainda em desenvolvimento e incentivar pesquisadores e pesquisadoras a se envolverem nesse tema crucial.

## **METODOLOGIA**

Seguindo as os percursos metodológicos de Armando Piovesan (1995), esta pesquisa é de natureza bibliográfica e qualitativa, de caráter exploratória, desenvolvida a partir de uma

revisão sistemática que envolve uma busca abrangente da literatura existente em bancos de dados acadêmicos, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico, Periódicos Capes e o repositório da Universidade Federal de Pernambuco (ATTENA) entre o período de 2013 a 2023. Utilizando termos de pesquisa específicos relacionados à sexualidade, gênero, deficiência e autismo, ("sexualidade", "mulher lésbica", "com deficiência" e "autista"). Os estudos selecionados foram avaliados quanto à sua relevância e contribuição para a discussão da sexualidade das mulheres lésbicas com deficiência dentro do espectro autista.

Com isso, inicialmente realizou-se uma leitura dos títulos, após dos resumos, abrangendo todos os artigos relevantes encontrados. Essa primeira fase permitiu identificar os trabalhos que atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos. Na segunda etapa, os artigos selecionados foram submetidos a uma leitura completa e minuciosa, com o objetivo de extrair informações relevantes para a análise.

Dessa maneira, os critérios de inclusão foram destinados a Artigos, Dissertações e Teses; Trabalhos dentro do contexto nacional e de instituições brasileiras; estudos que buscaram compreender a sexualidade da mulher lésbica, mulher pessoa com deficiência; trabalhos que abordem a mulher lésbica autista; pesquisas que buscam compreender se a sexualidade da mulher lésbica está sendo pauta dentro das discussões acadêmicas; estudos voltados à sexualidade da mulher-lésbica-autista; e trabalhos que citam no título ao menos uma das palavras chaves escolhidas.

Por outro lado, os critérios de exclusão foram os Trabalhos de Conclusão de Curso, Resumos e ou Capítulo de livro; dossiês, pesquisas estrangeiras; estudos que tentaram compreender as percepções de estudantes, família e ou comunidade escolar. Pesquisas que tinham como objetivo analisar metodologias de ensino ou abordagem da temática, pesquisas de abordagem quantitativa; e, trabalhos de quaisquer áreas, em que não são mencionadas nenhuma das palavras chaves.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Pierre Bourdieu (1977), teoriza em suas obras os conceitos de *habitus*, campos e violência simbólica, além do contexto da dominação masculina no âmbito da sociedade. Essas teorias possibilitam uma análise conceitual do contexto heteronormativo e sexista ainda imposto nas entrelinhas das relações na sociedade. Essas questões condicionam a tripla opressão e violência simbólica vivenciada pela mulher-lésbica-autista na sociedade. Ainda, pode haver um agravante, quando a temática de raça, identidade de gênero e etnias, está posta em pauta.

Por muito tempo, a construção social delimitou um papel de gênero, em que a mulher deveria participar acidamente apenas da construção familiar heteronormativa e obrigatoriamente ser submissa ao contexto familiar, que era ordenado pelo homem. Bourdieu (1977) explora essa temática em sua obra “A dominação masculina”, promovendo a discussão de como a cultura machista afeta as mulheres, e como seria possível neutralizar os *habitus* que perpetuam essa dominação. E Butler (1990), com sua teoria da performatividade de gênero, questiona as normas binárias de gênero e destaca a fluidez dessas identidades. Expurgando comportamentos que se dissociam das normas do campo (Butler, 2020).

Além desses teóricos, João Silvério Trevisan (1986) aborda a sexualidade de maneira ampla e multifacetada. Em seu livro "Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade" Trevisan examina a sexualidade como uma construção social complexa que é moldada por contextos históricos, culturais e políticos.

No contexto da sexualidade, até 1990, a homossexualidade era considerada uma doença e estava incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID-9). No entanto, em 17 de maio do mesmo ano, durante a 10ª Revisão da CID-10, a Organização Mundial da Saúde (OMS) oficialmente retirou a homossexualidade dessa lista. Essa decisão marcou um passo importante na compreensão da homossexualidade como uma identidade sexual legítima, eliminando a necessidade de “cura” (Carneiro, 2015).

Apesar dessa mudança positiva, Carneiro (2015) afirma que a discriminação e o preconceito persistem. A homossexualidade ainda é criminalizada em cerca de 70 países, o que representa um desafio significativo para os direitos e a igualdade das pessoas LGBTQIAPN+. Assim, pode-se afirmar, que a mulher-lésbica-autista nesse contexto vivencia triplo silenciamento, a partir da deficiência invisível e da sexualidade.

Sobre o autismo, uma condição neurológica complexa, que passou por transformações significativas em sua compreensão e abordagem ao longo das últimas décadas. Antes da inclusão do autismo no DSM-3, essa condição era frequentemente negligenciada e mal compreendida. A publicação do DSM-3 em 1980 representou um marco importante, pois reconheceu o autismo como um transtorno específico, fornecendo critérios claros para o diagnóstico e permitindo que os profissionais de saúde mental identificassem e tratassem o autismo de maneira mais eficaz. (Murari e Micheletto, 2015)

Posteriormente, surgiu o conceito de autismo como espectro. Essa compreensão mais abrangente reconhece que o autismo se manifesta de maneira diversa em diferentes indivíduos. O espectro abrange uma ampla gama de características, desde dificuldades de comunicação e

interação social até interesses intensos e padrões de comportamento repetitivos (Mendonça e Silva (2022)).

Antigamente, o diagnóstico de autismo em mulheres era raro, pois a pesquisa focava principalmente em meninos. A proporção de meninos para meninas com autismo era mal compreendida, e a crença de que havia poucas meninas autistas persistia. Hoje, se sabe que a proporção é de dois meninos para uma menina (Vasconcelos, 2022). Contudo, as mulheres autistas ainda enfrentam desafios no diagnóstico devido ao mascaramento de traços (Mendonça e Silva 2022).

Mendonça e Silva (2022) aborda a ideia de que mulheres autistas também podem apresentar dificuldades sensoriais e comportamentais, preferindo roupas largas para evitar desconforto sensorial, algo comum entre muitos autistas. Além disso, estratégias de adaptação, como a técnica de “acerto e erro”, são frequentemente utilizadas por mulheres autistas na tentativa de se incluírem na sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa, foram encontrados apenas 19 artigos no banco de dados do Google Acadêmico, enquanto nas plataformas SciELO (Scientific Electronic Library Online), Periódicos Capes e Attena (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE), não foi identificado nenhum artigo referente às palavras chaves utilizadas, como mostra na tabela a seguir;

Tabela 1 - Artigos encontrados e selecionados em cada plataforma

Plataformas de coletas de dados	Quantidades de artigos encontrados	Artigos selecionados
SciELO	0	0
Google Acadêmico	19	2
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (Attena)	0	0
Periódicos Capes	0	0

Dentre 19 artigos encontrados no banco de dados do Google Acadêmico, apenas dois atendem aos critérios de inclusão e abordam minimamente a temática desejada. Por outro lado, os trabalhos excluídos não se alinham aos critérios de inclusão estabelecidos para esta pesquisa. Entre os excluídos, três são livros, dois estão duplicados, há um documento com listas de um processo seletivo não identificado e um compilado de vários artigos. Os outros onze artigos restantes não atendem a nenhum dos critérios de inclusão.

O primeiro artigo selecionado “Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência”, dos autores Anahí Guedes de Mello; Valéria Aydos e Patrice Schuch (2022), traz uma reflexão crítica sobre como a deficiência é representada e mediada social e culturalmente, a partir das representações dos corpos de mulheres, de pessoas LGBTQIAPN+, negras, indígenas, quilombolas, ciganas e pessoas com deficiência. Esses corpos, sendo considerados desviantes de um padrão socialmente aceito, são traduzidos de forma inviabilizada, sofrendo violências simbólicas dentro de todos os campos sociais e emocionais (Bourdieu 1977).

Este artigo aborda como as representações negativas da deficiência perpetuam estereótipos. Com isso, a autora destaca como a linguagem da deficiência é usada simultaneamente para desvalorizar mulheres que se afastam dos mandatos da feminilidade. No entanto, é importante reconhecer que esses estereótipos também podem se aplicar à mulher-lésbica-autista. Ela enfrenta preconceitos triplos: o capacitismo associado à deficiência, o preconceito Lésbofóbico e o sexismo empregado ao seu gênero. Esses estereótipos heteronormativo centrados podem afetar significativamente sua autoimagem e sua capacidade de se relacionar com os outros (Butler 2020).

Em um outro contexto, o segundo artigo analisado “Bem me queer, mal me queer: pornografia e educação sexual na perspectiva de mulheres LGBT” por Eleonora Apolo de Azevedo (2022), desenvolve uma discussão sobre o consumo de pornografia por mulheres não heterossexuais. Utilizando entrevistas semiestruturadas, o estudo revela que as participantes não consideram a pornografia realista ou educativa, embora algumas tenham encontrado nela sua primeira referência sobre sexo, sexualidade e posições sexuais. Além disso, as entrevistadas com menos acesso à educação sexual foram as que mais assistiram à pornografia.

Para uma visão mais ampla sobre educação sexual, é importante considerar a integração desta temática tanto em casa quanto nas escolas, promovendo respeito, afeto e discussões sobre desigualdades de gênero, diversidade sexual e direitos reprodutivos Gov (2024).

Com isso, vale ressaltar que a pornografia pode ser uma ferramenta política que molda corpos, padrões de beleza, desejos e sexualidades. Dentro deste aspecto, a educação sexual pode possibilitar a desconstrução de tabus e estereótipos de gênero e sexualidade.

Sobre a temática, Bourdieu (1977) fala em sua teoria de *habitus*, sobre os padrões de comportamento, crenças e disposições internalizadas por indivíduos como resultado de sua socialização. Com isso, a educação sexual também passa por vários estigmas, muitas vezes marginalizada pelo conservadorismo e propagada dentro dos campos, sejam políticos, educacionais, culturais ou no mercado de trabalho.

Neste sentido, a sexualidade da pessoa com deficiência deve ser abordada de forma inclusiva, considerando a anatomia, consentimento e experiências sexuais. Assim como a sexualidade de pessoas autistas devem ser consideradas dentro dos seus contextos de neurodiversidade (Brilhante AVM et al.; 2020).

Contudo, a infantilização de pessoas autistas, principalmente aquelas com nível de suporte mais elevado, dá enfoque à ideia de que a sexualidade desses agentes é presumida à limitação a partir de seus estigmas, resultando em uma presunção de incapacidade e, conseqüentemente, limitando os investimentos em apoio e compreensão (Brilhante AVM et al.; 2020).

Brilhante AVM et al (2020) ainda corrobora com a ideia de que, quando se trata de sexualidade das pessoas autistas, as experiências relacionadas variam individualmente. Porém, o espectro autista traz consigo ainda mais particularidades, que são relevantes e impactam diretamente na vida dessas pessoas. Dito isso, é necessário que haja o suporte adequado para atender todas as especificidades inerentes da sexualidade de cada indivíduo, e através da educação sexual inclusiva, é possível promover uma acessibilidade e compreensão da neurodiversidade relacionada à sexualidade.

Considerando o conteúdo dos dois artigos selecionados, identificamos que as pautas abordadas são de extrema importância para as discussões acadêmicas, e compreensão macro dos estigmas relacionados aos paradigmas que o uso da palavra “deficiência” impacta nos corpos de mulheres-lésbicas-autistas, e perpassam a construção heteronormativa dentro da sociedade. Além do contexto do uso da pornografia por mulheres não heterossexuais, problematizando o acesso à educação sexual por essas mulheres.

Contudo, esses estudos não puderam atingir significativamente à temática desejada e abordada neste artigo. Fica evidente que a sexualidade da mulher autista não está sendo discutida ou posta em pauta dentro da comunidade acadêmica.

É notória a necessidade e dificuldade de acesso a pesquisas e trabalhos que englobam a sexualidade da mulher e os aspectos neurodiversos da sexualidade. Infelizmente as informações e temática coletadas reafirmam a carência de estudos mais sistemáticos e completos sobre a sexualidade da mulher-lésbica-autista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma revisão sistemática abrangente da literatura existente, fica evidente que há uma notável lacuna de pesquisa no que diz respeito à sexualidade da mulher- lésbica-autista, e as possíveis violências simbólicas que podem surgir dessa interseção. A escassez de estudos sobre esse tema específico reflete uma falta de atenção e reconhecimento das experiências únicas e desafiadoras enfrentadas por mulheres que pertencem a essas múltiplas minorias sociais.

Essa lacuna de pesquisa é preocupante, pois possibilita um déficit na discussão sobre a validade e a importância das experiências das mulheres-lésbicas-autistas, perpetuando sua marginalização e invisibilidade nas discussões acadêmicas e sociais sobre sexualidade e deficiência. Além disso, a ausência de estudos específicos nessa área limita a capacidade de desenvolver intervenções e políticas informadas que promovam a inclusão, a igualdade e o bem-estar dessas mulheres.

Portanto, essa revisão sistemática não apenas destaca a falta de pesquisa existente, mas também serve como um apelo para a ação. Instamos os pesquisadores a se engajarem nessa área negligenciada, a fim de preencher essa lacuna de conhecimento e dar voz às mulheres-lésbicas-autistas. Ao incluir suas experiências e perspectivas nas discussões acadêmicas e sociais, podemos promover uma compreensão mais holística e inclusiva da diversidade humana e trabalhar em direção a sociedades mais justas e equitativas para todos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L.; SOARES, R. R. **Narrativas de mulheres lésbicas sobre as vivências no cotidiano e no período escolar. Estudos feministas**, v. 29, n. 1, p. e67625, 2021.

**Autoimagem: o que é, características e como melhorá-la.** Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/autoimagem-o-que-e-caracteristicas-e-como-melhora-la/>> . Acesso em: 5 jun. 2024.

AZEVEDO, Eleonora Apolo de; AYDOS, Valéria; SCHUCH, Patrice. **Bem me queer, mal me queer: pornografia e educação sexual na perspectiva de mulheres LGBT.** 2022. 45 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade do Porto, Porto, 2022. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/442c723c08f7c495398c0b960ba40199/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y> . Acesso em: 25 fev. 2024.

AZEVEDO, Larissa Antonella et al. **As repercussões das redes sociais significativas de estudantes com deficiência no contexto do ensino superior.** 2017.



Bourdieu, P. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge University Press. 1977

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2012.

BRILHANTE, A. V., et al. (2021). **Sexualidade e Autismo: Uma Perspectiva de Adolescentes Autistas Oralizados**. Revista Brasileira de Educação Especial, 27(1), 1-14. DOI: 10.1590/1980-54702021270001.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 1990

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. n-1 edições, 2020.

CASTRO, Rebecca de Albuquerque et al. **HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER LÉSBICA COM AUTISMO E MODELAGENS SOCIAIS: ENTRE O ASSUJEITAMENTO E O AGENCIAMENTO NO CAMPO** In: V CINTEDI (Comunicação Oral). 2024.

Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <[https://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2014/05mai\\_16\\_lgbt.html](https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html)> =. Acesso em: 6 jun. 2024.

Cordioli, A. V., et al. (2014). Transtornos do Espectro Autista: Guia Prático1 Trevisan, J. S. (1986). **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade**.

MOÇO A. **Espectro autista: entenda por que é um espectro e como é o transtorno**, . Disponível em: <<https://vidasaudavel.einstein.br/espectro-autista/>> . Acesso em: 6 jun. 2024.

RISSATO, H. **Por que o autismo é um considerado um espectro?** Genial Care, 16 maio 2023. Disponível em: <<https://genialcare.com.br/blog/entenda-o-que-e-espectro-autista/>> . Acesso em: 6 jun. 2024

**Saúde lança cartilha sobre educação sexual como política de transformação**. Disponível em:<<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/fevereiro/saude-lanca-cartilha-sobre-educacao-sexual-como-politica-de-transformacao>> . Acesso em: 6 jun. 2024.

VEIGA, E. **Há 30 anos, OMS removiu homossexualidade da lista de doenças**. Disponível em:<<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as/a-53447329>> . Acesso em: 6 jun. 2024.

Walker, N. (2010). **Neuroqueer: An Introduction**. Neurocosmopolitanism. Recuperado de <https://neurocosmopolitanism.com/neuroqueer-an-introduction/> .